

Cova da Moura

A outra face

Grandes telas em ampliações de polaroids, penduradas nos estendais da roupa ou nas paredes das casas, mudam a imagem da Cova da Moura, um dos bairros problemáticos da periferia de Lisboa, que tem dado muito que falar por razões que pouco têm a ver com a arte. A arte, porém, serve agora para mostrar a comunidade daquele bairro, num surpreendente movimento de abertura de um *getho* ao mundo exterior ou num convite à descoberta das pessoas, dos rostos e da cultura de um lugar à margem. E são mesmo os habitantes da Cova da Moura que estão retratados nas grandes telas, à porta das suas casas. As imagens foram registadas pela fotógrafa Susan Meiselas, que veio fotografar as comunidades imigrantes, numa *missão* para a grande mostra de imagens da Magnum sobre Portugal, *Espelho meu*, comissariada por Alexandra Fonseca Pinho e patente no Centro Cultural de Belém.

Meiselas ganhou a confiança da população local, o que culminaria com uma série de *workshops* de fotografia com jovens do bairro. Dessa confiança nasceu a exposição *Nós Casa*, que pode ser vista até 17. É a primeira vez que o CCB promove uma mostra fora do seu espaço e a sua realização teve a parceria do Banco Espírito Santo e da Associação Moinhos da Juventude, empenhada na «requalificação e valorização da Cova da Moura, como diz ao JL, a dirigente Godelieve Meerschaeft.

Jornal de Letras: Como é que a comunidade da Cova da Moura reagiu à presença da fotógrafa Susan Meiselas e ao trabalho que ela desenvolveu?
Godelieve Meerschaeft: A Susan, chegou ao nosso bairro, acompanhada pelo fotógrafo, Ivo Cordeiro, num sábado de Novembro, com o folheto sobre o nosso projecto *Sabura*, que propõe 'visitas guiadas' ao Bairro da Cova da Moura. Nos primeiros dias, ainda sem utilizar a máquina fotográfica, mostrou um grande interesse em conhecer as vidas dos moradores, o seu quotidiano, as suas mágoas, os seus sonhos, ganhando a sua confiança, o que proporcionou uma abertura e interacção com jovens, adultos e crianças. As polaroids, com o seu resultado instantâneo, e o facto de serem entregues às pessoas na altura da execução, tiraram qualquer desconfiança que restasse sobre os seus propósitos. É a razão da desconfiança dos moradores em relação a comunicação social é porque se sentem traídos numa relação que julgam ser sincera e que resulta, na maioria dos casos, em estigmatização e mesmo atitudes racistas.

Como surgiu o projecto Nós Casa?

Susan sentiu a estigmatização existente e procurou ideias que contribuissem para revelar a imagem humana do bairro. Os estendais de roupa e o seu significado para os moradores foram a alavanca para superar a falta de espaços de exposições. As pessoas,



Domingas e Aguiardo Susan

que já tinham confiança na Susan, devolveram de bom agrado as polaroids para fazer as telas, apesar de muitos deles já as terem posto em quadros e em lugares de destaque na sua casa.

E como que se viram retratadas nessas polaroids?

Em Maio, Susan regressou ao bairro e trouxe algumas telas. Foi recebida com grande entusiasmo. As pessoas disputavam entre si para obter a melhor pose e assim merecer a sua atenção. O jovem pai retratado com o seu filho ao colo ficou sem palavras, sentindo que a Susan conseguiu perceber a importância desta relação. Foi nesse fim-de-semana que a expressão da existência duma comunidade na Cova da Moura foi muito evidente. Os retratados e os vizinhos iam dando as suas opiniões sobre a melhor apresentação da tela no estendal ou na parede.

Pensa que iniciativas como esta podem incentivar uma outra visão do bairro?

Susan conseguiu dar relevo à beleza das pessoas da Cova da Moura, mesmo em ambientes menos favoráveis. Iniciativas como esta podem ajudar a desmontar aquela visão estigmatizante, digamos mesmo diabolizante, que uma certa comunicação social vem transmitindo do bairro e que foi decisiva para a imagem que as pessoas formaram sobre a Cova da Moura.

Quais são os objectivos da Associação Moinhos da Juventude? Têm mais projectos em vista?

Um dos grandes objectivos é a requalificação do bairro, uma justa recompensa pelos sacrifícios feitos pelos moradores, não esquecendo a criatividade que mostraram ao edificá-lo e ao dotá-lo dos serviços de proximidade que hoje os servem. Outro objectivo é a valorização das competências, esforços, conhe-



cimentos que os migrantes e moradores trouxeram de África ou do Norte de Portugal: a música, a culinária, a própria língua, toda uma maneira diferente de estar na vida e no mundo e que pode enriquecer Portugal. Aqui poderão encontrar, se o bairro for preservado, uma memória viva da diáspora africana na Amadora, que esperamos que ela venha a assumir um dia, com orgulho. Queremos destacar o projecto *Sabura*, que abre as portas do bairro, proporcionando visitas guiadas e que já fez descobrir a verdadeira face da Cova da Moura a largas centenas de turistas que se surpreenderam com a riqueza da sua história, com a sua diferença e com o caloroso acolhimento. (Os interessados telefonar para o 214971070).

MARIA LEONOR NUNES